

Depois de muitos problemas e anos seguidos sem se realizar a comunidade cinematográfica diz que

# Festival precisa força total



Brasília nasce em 1960 não só como a nova capital administrativa do País, mas como um alento para a alma brasileira, um pólo irradiador de pensamentos novos, aglutinador de brasis então dispersos.

Um dos principais braços para o lançamento dessa vontade de renovação foi, sem dúvida, a Universidade de Brasília (UnB) — "a cristalização, como utopia concreta, das aspirações mais profundas da intelectualidade brasileira, particularmente da comunidade científica nacional", segundo Darcy Ribeiro, um de seus criadores ("UnB: Invenção e Descaminho", Avenir Editora, 1978).

Na área da Cinematografia, a UnB trouxe Paulo Emilio Salles Gomes e Nelson Pereira dos Santos para compor a antiga Faculdade de Comunicação de Massa e o Centro de Teledifusão, organizada pelo jornalista Pompeu de Souza. Paulo Emilio, imbuído pelo seu caráter brasileiro e pelo espírito dinamizador da UnB e, ainda segundo Darcy, procurando integrar "o cinema à vida universitária como uma atividade crítica e criativa", realiza, no ano de 1965, junto com a Fundação Cultural do Distrito Federal (FCDF) — dirigida por Carlos Augusto de Albuquerque e assessorada por Walter Mello e Olivio Tavares de Araújo — a 1ª Semana do Cinema Brasileiro.

Este evento, que fez confluir para Brasília os nomes mais atuantes do Cinema Brasileiro do momento, tinha, segundo Walter Mello, "a idéia inicial de ser uma mostra para prestigiar e valorizar o Cinema Brasileiro". Naquele ano foram considerados os melhores filmes: *A hora e a vez de Augusto Matraga*, longa-metragem de Roberto Santos, e *O Circo*, curta-metragem de Arnaldo Jabor. Além das projeções e encontros, estava previsto um item, para hoje, insólito: uma visita à censura federal.

A 2ª Semana do Cinema Brasileiro, em 66, continuaria a evoluir, apresentando em suas sessões, intelectuais e artistas como: Fernanda Montenegro, Leonardo Villar, Antônio Pitanga, Helena Ignez, Leila Diniz, Paulo José, Walter Lima Júnior, Domingos de Oliveira, Geraldo Sarno, Luis Sérgio Person, Sergio Muniz, e Gianfrancesco Guarnieri. Walter Mello ressalta a participação fundamental dos críticos brasilienses Rogério Costa Rodrigues e Geraldo Sobral Rocha, através dos trabalhos desenvolvidos junto à Secretaria do Júri, à Comissão de Seleção e Premiação, e à Coordenadoria Técnica. Rogério e Geraldo constituíram o *Clube de Cinema*, principal núcleo de atividade cinematográfica da capital após o esfacelamento da UnB pelo governo de 64.

## A SEGUNDA FASE

No ano de 67 a Semana passaria a se chamar *Festival de Brasília do Cinema Brasileiro* (o 3º, somando com as duas semanas anteriores) e contaria, além da Caixa Econômica Federal e do Itamarati, com o apoio do Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), atual Embrafilme. O Festival, tendo Brasília como capital do Cinema Brasileiro



Leila "Para Sempre" Diniz



e o troféu Candango como símbolo da luta e do trabalho cinematográfico nacional, chegava, assim, ao seu apogeu, sendo considerado a mais importante mostra de filmes do País. O Brasília Palace Hotel viveria dias de glória com Leila Diniz escandalizando os salões — pouco tempo depois ela se tornaria célebre ao ficar nua no Hotel Nacional.

Em termos de Constituição, o Festival se desenvolveria: ao prêmio "Office Catholique International du Cinéma" (Margarida de Prata) viriam se juntar, em 68, o Prêmio Especial (contribuição ao moderno cinema brasileiro), o Prêmio de Melhor Cartaz, e o Prêmio do Instituto Nacional do Livro; em 69, o Prêmio Carmem Santos (INC); e em 70, o Prêmio Valter da Silveira (crítica).

No ano de 71, o Festival seguiria com seu ritmo e seu caráter cultu-

ral trazendo filmes como: *A Crônica da Casa Assassina*, de Paulo Cezar Saraceni, *Como era gostoso o meu francês*, de Nelson Pereira dos Santos, e *Som e forma*, de Joaquim Assis, além de nomes que hoje não vivem mais, como os da atriz Adriana Prieto e do fotógrafo Rogério Noel.

1972: A influência da repressão vigente foi direta sobre o Festival. O filme *Nenê Bandalho*, dirigido por Emilio Fontana e produzido por Douglas Marques de Sá, após já ter sido selecionado pela Comissão do Festival, teve sua exibição proibida pela Censura. Este fato, segundo Fernando Adolfo — antigo coordenador técnico e atual Assessor de Cinema da FCDF — "provocou um acontecimento fantástico na história do Festival: o Cine Atlântida, completamente lotado, gritava e vaivá durante toda a projeção do filme substituído!" A partir deste acontecimento o Festival estancou: os diretores e artistas não aceitavam os cortes impostos pela Censura e ocorreu a interrupção do Festival por três anos.

O Festival de Brasília é retomado em 1975, guardando ainda seu cunho cultural, porém mais chegado às badalações. *Guerra Conjugal*, de Joaquim Pedro de Andrade, e *Simitério de Adão e Eva*, de Carlos Augusto Calil, ganharam o Troféu Candango de melhores filmes nesta nova vida do Festival. Marco Antonio Guimarães, na Secretaria Executiva, e Walter Mello na Coordenadoria Técnica, ampliam a mostra, igualando nas premiações técnicas (melhor Fotografia, melhor Montagem, etc.) o longa e o curta-metragem.

O Cine Brasília, no ano seguinte, é reaberto ao público, tornando-se, junto ao Hotel Nacio-

nal, um tipo de espaço sagrado do Cinema Brasileiro. O Festival, em 76, ganha também novas atividades paralelas: a Mostra Retrospectiva — entre outros filmes, *O Pagador de Promessas*, *A Falecida*, *Assalto ao Trem Pagador*, *Vestibular 70*, e *Brasília Ano 10* — a Exposição Histórica sobre Cinema; e a Homenagem a Adhemar Gonzaga e Carmem Miranda. Nos dois anos seguintes, apesar de centralizado por seu diretor-executivo, Rui Pereira, o Festival desenvolve-se com a Mostra Competitiva 16mm, a Mostra Informativa S-8mm, o Encontro de Pesquisadores, o Encontro de Documentaristas, o Seminário sobre Mercado Interno, o Encontro sobre Comercialização de Filmes, e o Seminário sobre Cinema Latino-Americano. A própria Associação Brasileira de Documentaristas — Seção Distrito Federal (ABD/DF) — nasceria, oficialmente, em seguida ao Festival de 78, após tensões existentes pela não convocação de um membro da ABD para parte do Júri de Premiação 16mm.

Com a hipertrofia decisória da FCDF — Presidência, Diretoria e Conselho Deliberativo — a comunidade brasiliense começaria a ser aliada da organização do evento. O XII Festival, o de 79, não teria nenhum membro da classe intelectual e artística candanga na Comissão de Seleção, e apenas um, entre doze, na Comissão de Premiação. O fantasma da censura era bem real: *O País de São Saruê*, longa-metragem de Vladimir Carvalho, professor e batalhador de cinema em Brasília, acabava de sair de uma prisão de oito anos. Com a inscrição de *Saruê* e de *Prata Palomares*, de André Faria — outro realizador censurado — o Festival daquele ano parecia destinado a retomar seu compromisso com o social e o cultural — isso tudo sem falar na presença de Glauber Rocha. Glauber, como um meteoro, marcaria sua luta revolucionária ao investir, dedo em riste, contra o documentarista e antropólogo francês Jean Rouch, convidado ao Festival. O pequeno público presente à entrada do Hotel Nacional ficou pasmado com a agressividade do diretor brasileiro. Acontece que Glauber tinha lá suas razões para ter acusado Rouch de colonizador. E mais: estava defendendo o caráter do Festival e do nosso cinema ao pôr o dedo na ferida estrangeira.

A exibição de *O País de São Saruê* foi memorável, indubitavelmente, o mais belo filme daquele Festival. Mas, o que Glauber acusaria não fora gratuito: o documentário de Vladimir seria rejeitado pela Comissão de Premiação. Destinar-lhe-iam um prêmio especial do júri para atenuar a decisão e não dar "asa pra cobra". Brasília, mais uma vez, fazia parte da política de desaquecimento implantada pelo governo, e seria omitida em suas próprias conquistas.

## UM NOVO IMPASSE

Marco Antonio Guimarães, após desentendimento com Rui Pereira, deixa a FCDF no final de 79. Este, criticado pela classe artística brasiliense, deixaria a Diretoria Executiva da Fundação em 80, de maneira despercebida e silenciosa. De qualquer modo, as decisões sobre a vida cultura da cida-

de e, indiretamente, sobre o Festival, continuariam a ser tomadas verticalmente, permanecendo a classe cinematográfica local alheia e marginalizada.

No ano de 81 o parto do Festival continuaria difícil. A reconstrução da antiga Semana de Paulo Emilio, também. Segundo Fernando Adolfo, "as críticas feitas pelos jornais prejudicaram o Festival". A realidade é que o público esvaziava e a repercussão nacional diminuía, perdendo o evento sua projeção a nível de Brasil e de Brasília — da qual chegou a ser o acontecimento cultural mais importante.

Foi com a última gota e no último prazo, às vésperas do Natal de 82, data propícia para um esvaziamento final, que aconteceria o XV Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

## OUTRA REATIVAÇÃO

Felizmente, por estranha energia, chamas se reacenderam. O *CORREIO BRAZILIENSE* deu intensa cobertura ao evento. O filme *O Segredo da Múmia*, trouxe, em seu marketing, um ator vestido de múmia o qual, inclusive, quase foi preso no Conjunto Nacional, o que ligou o Festival à cidade, atraindo grande público ao Cine Brasília. Debates foram reiniciados na Escola Parque e reuniões de artistas e técnicos retornaram ao Hotel Nacional. Ivan Cardoso, Wilson Grey, Júlio Bressane, Rogério Sganzerla, Heitor Capuzzo e outros participantes, sustentaram o acontecimento.

As sugestões encaminhadas pela Frente Cultural de Brasília começaram a ser colocadas em prática. Em 1983 a Mostra Competitiva de longa e curta metragens foi ampliada para as cidades-satélites; o Júri Popular foi instaurado; a ABD/DF participou da premiação; e a homenagem a Alex Viary foi efetivada com a presença do cineasta e com a exibição de *A Noiva da Cidade*. O festival parecia sair do limbo e retomar seu espaço cultural — pelo menos em Brasília, já que o Festival de Gramado, com apoio e organização, centralizava o Cinema Brasileiro.

O XVII Festival, ainda pecando por erros de divulgação nacional e por falta de entusiasmo da FCDF, continuou acatando certas sugestões da classe cinematográfica local. O Seminário sobre "Aperfeiçoamento da Legislação de Cinema e Televisão", foi uma idéia da ABD/DF; o "Festivalzinho de Brasília do Cinema Brasileiro (filmes infantis e de animação) partiu da jornalista Maria do Rosário Caetano; a Comissão de Seleção, até então decidida autoritariamente, contou com três membros da ABD/DF, num total de sete pessoas.

De qualquer maneira, o Festival faz parte do estatuto da FCDF, e seu antigo papel de aglutinador e de espaço de discussão dos problemas de nossa Cinematografia, não foi, totalmente, preenchido pelas outras mostras existentes como Gramado, Fest-Rio e Caxambu. Adulto, o XVIII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, entrará, sem dúvida numa nova estrada. Junto com o Distrito Federal e o resto do país para mais uma luta e novas conquistas.

MARCOS MENDES